

O trágico em *Medéia*

Eduardo Pereira Machado
Universidade de Coimbra
dudukuks@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo versa sobre o imenso mundo da tragédia grega, do qual analisamos a obra *Medéia*, de Eurípides (1991), abordando-a sob os aspectos da teoria de Aristóteles (2002). Para tanto, conceituamos tragédia, assim como os elementos do trágico – desmedida, peripécia, reconhecimento e catarse. Dessa forma, aplicamos as teorias na tragédia em estudo e, após, mostramos, em algumas proporções, como se configura o trágico na obra analisada.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Tragédia grega. Aristóteles.

ABSTRACT: The present article turns on the immense world of the tragedy Greek, of which analyzes the workmanship *Medéia*, of Eurípides (1991), approaching it under the aspects of the theory of Aristóteles (2002). For in such a way, we appraise tragedy, as well as, the elements of the tragic one: excessive, turn of events, recognition and catarse. Of this form, we apply the theories studied in the tragedy and, after, we show in some proportions, as the tragic one in the analyzed workmanship is configured.

KEY- WORDS: Literature. Greek tragedy. Aristóteles.

Nos vinte e seis capítulos da *Arte poética* de Aristóteles, dezessete são dedicados ao estudo da tragédia, visto que o autor apreciava mais este gênero, especialmente em detrimento da comédia. Segundo o autor, tragédia é a imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada, e não por narrativa, mas mediante atores, e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções:

É a tragédia a representação duma ação grave, de alguma extensão e completa, em linguagem exornada, cada parte com o seu atavio adequado, com atores agindo, não narrando, a qual, inspirando pena e temor, opera a catarse própria dessas emoções (ARISTÓTELES, 2002, p. 24).

Para uma tragédia ser bem-sucedida, deve apresentar alguns elementos, dos quais, para este estudo, interessam-nos a *hybris*, a *peripécia*, o reconhecimento, e a *catarse*.

Hybris, contemporaneamente também chamada de *desmedida*, é o erro – ou os erros – que a personagem comete, sendo esse geralmente trágico. A *hybris* ou *desmedida* é consequência de um contexto de insatisfação da personagem que, em função de um impulso, de um instinto ou de algo que lhe foge ao controle provocará, nela, uma ação que se mostrará como um “erro”, pois irá desestabilizar seu universo físico e psicológico, tanto quanto o das personagens que vivem em torno de si.

Peripécia é a inversão dos fatos no decorrer dos acontecimentos, ou seja, os acontecimentos ocorrem de maneira contrária à

esperada pela personagem, ocasionando, então, a peripécia, assim definida por Aristóteles: “Peripécia é uma viravolta das ações em sentido contrário, como ficou dito; e isso, repetimos, segundo a verossimilhança ou necessidade” (ARISTÓTELES, 2002, p. 30). Isso implica dizer, também, que a peripécia não pode ocorrer de modo “forçado” – é preciso que seja verossímil e necessária, que tenha uma coerência na progressão de elos da narrativa trágica.

Por reconhecimento entendemos a passagem do desconhecido para o conhecido, ou seja, alguma coisa acontece – que muitas vezes se manifesta em forma de peripécia – e essa ação provocará um reconhecimento *a posteriori*. Pode aplicar-se a uma determinada situação ou, mesmo, a qualidades, “defeitos” e sentimentos de uma personagem, sobre a qual, antes, não havia esse conhecimento:

O reconhecimento, como a palavra mesma indica, é a mudança do desconhecimento ao conhecimento, ou à amizade, ou ao ódio, das pessoas marcadas para a ventura ou desdita (ARISTÓTELES, 2002, p. 30).

A catarse, por fim, nada mais é do que a purificação das emoções através dos sentimentos de terror e de piedade. Nesse sentido, as tragédias gregas – como depois as romanas – podem ser compreendidas como “didáticas”, pois visavam, de certa forma, manter um equilíbrio entre o ser humano e o cosmos que integrava. Isso significa que, quando o espectador assistia a encenação das tragédias, observando o que ocorria às personagens em consequência de seus erros, de suas desmedidas, esse espectador reavaliaria seus próprios impulsos, suas próprias emo-

ções “funestas”, e pouparia a si e aos outros de possíveis erros trágicos, que pudessem desestabilizar a família e a sociedade. Tal acontecia, como se disse, mediante o terror – diante de uma ação “trágica” (traições, assassinatos) e mediante a piedade (por aqueles que eram vítimas dessas ações).

Por meio desses conceitos, analisamos a tragédia *Medéia*, de Eurípidés (1991), extraindo da obra as passagens que nos são relevantes, esclarecendo em que medidas podem ser compreendidas como *hybris*, *peripécia* e reconhecimento, conduzindo à ideia de catarse aristotélica.

Entre *hybris*, *peripécias* e reconhecimentos: eles para a catarse

Os elementos trágicos começam a surgir em *Medéia* nos mitos anteriores à tragédia de Eurípidés, pois a personagem Medéia comete as primeiras desmedidas, aqui nomeadas também como *hybris*, ainda no mito dos *Argonautas*, quando ajuda Jáson a vencer os desafios impostos pelo seu pai, para assim conquistar o velocino de ouro. Com essa atitude, Medéia trai seu próprio pai, ação através da qual estabelecemos seu primeiro erro trágico. Após, ao fugir de sua terra natal, a Cólquida, junto com Jáson, o rei Aietes envia o irmão de Medéia para persegui-los; nessa perseguição, a heroína mata o irmão e comete sua segunda *hybris*. Mais adiante, ainda no mito dos *Argonautas*, Medéia, ao chegar em Iolco, comete sua terceira desmedida: instigada por Jáson, induz as filhas do rei Pélias a matarem-no, enganando-as e gerando a revolta da população.

Somente no mito dos *Argonautas*, Medéia comete três *hybris*, sendo que cada um desses erros ocasionaram uma *peripé-*

cia, ou seja, uma reviravolta dos acontecimentos, o que gerou, também, um reconhecimento para cada peripécia.

Em sua primeira *hybris*, a peripécia ocorre quando seu pai descobre que Jáson conseguiu vencer as tarefas graças à ajuda de Medéia – certamente o rei Aietes não esperava que Jáson saísse vitorioso em todas as provas enfrentadas. A segunda peripécia dá-se quando Medéia mata o irmão – também aqui, o pai nunca imaginaria que sua filha pudesse ser tão cruel: nesse momento, ocorre para o pai de Medéia o segundo reconhecimento. Porém, a peripécia que realmente vai influenciar na vida de Jáson e Medéia é ocasionada pela sua terceira desmedida, pois ao matar o rei de Iolco, Medéia gerou a revolta da população. Com essa atitude da personagem feminina, os moradores de Iolco tiveram o reconhecimento de que Medéia era uma grande feiticeira. Devido a isso, ela e Jáson tiveram de partir para Corinto, lugar onde inicia a história da tragédia de Eurípidés

Jáson e Medéia viveram felizes em Corinto por dez anos. Transcorrido esse tempo, Jáson comete sua primeira *hybris*: decide trocar Medéia por outra mulher – Creusa, filha do rei Creonte – gerando, assim, a fúria da heroína e iniciando uma nova reviravolta. Com a atitude de Jáson, percebemos o quanto o herói era oportunista e egoísta. Ao fazermos um *flashback* ao mito dos *Argonautas*, notamos, nitidamente, tal caracterização, já que a personagem masculina aceita casar-se com Medéia somente após a neta do deus Sol prometer-lhe o velocino de ouro; já na tragédia de Eurípidés, o herói é capaz de desconstruir seu casamento estável para aventurar-se nos braços de Creusa, tendo como único interesse o reinado e a pátria.

Nessa perspectiva, para Medéia ocorre também um reconhecimento: jamais ela imaginaria que depois de tudo que fizera por Jáson, ele pudesse cometer uma atitude, na concepção de Medéia, tão perversa:

Medéia
Maior dos cínicos! (É a pior injúria
que minha língua tem para estigmatizar
a tua covardia!). Estás aqui, apontas-me,
tu, meu inimigo mortal? Não é bravura,
nem ousadia, olhar de frente os ex-amigos
depois de os reduzir a nada! O vício máximo
dos homens é o cinismo.
[...] sofrerás ouvindo-me. Começarei
pelo princípio. Eu te salvei (todos os gregos
que embarcaram contigo na Argó bem sabem),
quando foste enviado para submeter
ao duro jugo o touro de hálito inflamado
e para semear a morte em nossos campos.
Fui eu que, oferecendo-te modos e meios
de matar o dragão, guarda do tosão áureo,
imune ao sono, com seus múltiplos anéis,
[...]
Traí meu pai, eu, sim, e traí a família
para levar-te a lolco (foi maior o amor
que a sensatez); fiz Pelias morrer também.
(*Medéia*, p. 36-37).

Eurípides, em seus versos, é capaz de demonstrar o íntimo da alma humana, evidenciando suas características psicológicas mais profundas, sendo esse aspecto um diferencial nas obras desse poeta grego:

Medéia

Como sou infeliz! Que sofrimento o meu,
desventurada ! Ai de mim! Por que não morro?
Estou só,
proscrita, vítima de ultrajes de um marido
que, como presa, me arrastou a terra estranha,
sem mãe e sem irmãos, sem um parente só
que recebesse a âncora por mim lançada
na ânsia de me proteger da tempestade.
(Medéia, p. 23; 28-29).

É na atitude de Jáson que Eurípides nos mostra todo o lado frágil de uma mulher traída, sendo que este mesmo lado frágil pode transformar-se numa incrível força, movida, na tragédia, por um único sentimento: o do ódio. Por meio desse sentimento, em que se percebem os conflitos interiores em que Medéia se debate, começa toda a sua dissimulação, que mudará definitivamente sua vida e a do ex-companheiro Jáson:

Medéia

Meu sofrimento é imenso, incontestavelmente,
mas não considerais ainda definida
a sucessão dos acontecimentos próximos.
Pode o futuro reservar lutas difíceis
para os recém-casados e terríveis provas
para quem os levou às núpcias.
[...]
Eu nem lhe falaria se não fosse assim,
nem minhas mãos o tocariam, mas tão longe
o leva a insensatez que, embora ele pudesse
deter meus planos expulsando-me daqui,
deixou-me ficar mais um dia. E neste dia

serão cadáveres três inimigos meus:
o pai, a filha e seu marido.
(Medéia, p. 33).

A heroína, movida pelo ódio, começa a maquirar suas armadilhas. Decidida a vingar-se, a feiticeira engana o herói do velocino de ouro convencendo-o de que não está mais com raiva e, para demonstrar sua bondade, manda presentes para Creusa. Através destes presentes, que ocasionam a morte da princesa e do rei Creonte, Jáson percebe que fora enganado por Medéia, ocorrendo para ele uma peripécia e, em consequência dela, o reconhecimento de que sua ex-companheira é capaz de mentir, dissimular-se e até matar para alcançar seu objetivo de vingança, em função do ódio exacerbado diante da traição e do abandono. O relato desses acontecimentos – o incêndio do palácio devido aos presentes enfeitiçados e as mortes de Creonte e Creusa – é feito à Medéia (e ao público) pelo Mensageiro:

Mensageiro

Quando teus filhos – tua dupla descendência –
chegaram com o pai deles e foram levados
ao palácio real, sentimo-nos felizes,
nós, os criados, que sofríamos por ti;

[...]

Em frente a um espelho
vestiu o véu, e com o diadema de ouro
já na cabeça ela compunha o penteado,
sorrindo à sua própria imagem refletida.

[...]

Mas, quase no mesmo instante,
um espetáculo terrível se mostrou

aos nossos olhos: sua cor mudou e o corpo
dobrou-se; ela oscilou e seus formosos mem-
bros

tremiam, e só teve tempo de voltar
até o assento para não cair no chão.

[...]

do diadema de ouro em seus lindos cabelos
saía uma torrente sobrenatural

de chamas assassinas; o véu envolvente

– presente de teus filhos – consumia, ávido,
as carnes alvas da infeliz.

[...]

O pai, então, ainda alheio ao desenlace

Horrível, entrou transtornado no aposento

E se lançou de encontro à morta.

Agora jazem mortos, juntos,

o idoso pai e a filha, uma calamidade

que justificaria torrentes lágrimas.

(Medéia, p. 65-66).

Nesse momento, Eurípides caracteriza a fraqueza das personagens masculinas, pois Medéia já havia enganado Creonte, quando o convenceu a deixá-la ficar mais tempo em Corinto.

O grande clímax de toda a história está em seu desfecho – a catástrofe final – pois Jáson nunca imaginara que sua vida poderia mudar além dos acontecimentos até então ocorridos. As peripécias não acabaram com as mortes no palácio, o herói ainda veria os dois filhos mortos – assassinados por Medéia. Os assassinatos não ocorrem diante de Jáson nem são encenados ao público:

Os Filhos de Medéia
Do interior da Casa
Ai! Ai!
Corifeu
Ouvistes os gritos dos filhos? Não ouvistes?
1º Filho
Ah! Que fazer? Como fugir de minha mãe?
2º Filho
Não sei, irmão querido! Estamos sendo mortos!
Corifeu
Vamos entrar! Salvemos as frágeis crianças!
1º Filho
Sim, pelos deuses! Vinde já para salvar-nos!
2º Filho
Já fomos dominados! Vemos o punhal!
[...]
Corifeu
Ah! Jáson! Não pudeste perceber ainda
– infortunado! – toda a tua desventura!
Teus filhos estão mortos. Sua mãe matou-os.
(*Medéia*, p. 68-70).

Nesse ponto da tragédia, Jáson, através de sua *hybris* – a traição à Medéia – percebe que sua vida mudou radicalmente e que por culpa de seu erro – trágico porque resultaria em catástrofe – perderia a mulher dedicada e seus filhos queridos, não tendo mais oportunidade para um recomeço.

Enquanto Jáson encontra-se sozinho e isolado, Medéia inicia sua vida, fugindo, no Carro do Sol, a caminho de Atenas, onde o rei Egeu lhe prometera abrigo:

Medéia

Irei de lá para a cidade de Erecteu,
onde me acolherá o filho de Pandíon,
Egeu. Morrerás miseravelmente aqui,
colhendo – miserável! – os amargos frutos
do novo casamento que tanto querias!

[...]

Jáson

Deixa-me ao menos, em nome dos deuses,
tocar os corpos frágeis de meus filhos!

Medéia

(Desaparecendo lentamente com o carro):
Não é possível; são palavras vãs.
(Medéia, p. 74-75)

Dessa maneira, Medéia alcança seu objetivo, concretizando sua vingança: ver Jáson solitário, em uma solidão mais horrível do que aquela que ele havia reservado para ela.

Nessa trajetória - entre *hybris*, peripécias e reconhecimentos – chega ao final a peça escrita por Eurípidés. A intenção ou objetivo atribuído à tragédia era o de provocar, no espectador, a purificação das emoções – a *catarse*.

Considerando-se que a *catarse* aristotélica efetivava-se através do terror e da piedade, compreendemos o sentimento de terror através do sacrifício dos filhos: a morte dos filhos como causa do ódio da mãe pelo marido, provoca no espectador o terror diante dessa violência. A piedade, a nosso ver, dá-se também em relação à situação das crianças: perdem a vida inocentemente, como consequência do plano de vingança de Medéia, que deseja, com isso, atingir Jáson.

Com atitudes tão “desumanas”, Eurípides quis demonstrar aos cidadãos da Grécia Antiga o quão terrível era cometer o adultério, principalmente tratando-se de uma heroína feiticeira, que cometera grandes crimes por amor. A intenção da tragédia e do autor era fazer com que o público desistisse de tal ato, fazendo com que o espectador pensasse nas consequências antes de realizá-lo.

A configuração do trágico em *Medéia*

O problema do trágico é de abordagem complexa desde sua origem clássica. Procuramos, a partir das leituras de Aristóteles (2002), de Lesky (1990) e de outros estudiosos, construir, em torno de determinados pontos, o que pode ser compreendido como o trágico em *Medéia*.

Aristóteles explicita que para ocorrer uma situação trágica o herói deve passar do estado de felicidade para o de infelicidade. Essa transição ocorre devido a um grande erro que, por sua vez, resultará em erros subsequentes, que podem ser seguidos de peripécias e reconhecimentos. São esses os elos que analisamos em *Medéia*, já que os heróis viveram felizes até Jáson cometer seu grande erro trágico, passando de uma vida feliz e estável para uma vida infeliz e, ao final, solitária e desesperadora.

Para Regina Zilberman, o trágico, em *Medéia*, está presente nas próprias ações da personagem feminina, ou seja, nas suas ações “demoníacas”. Para essa crítica, *Medéia* representa o Mal, é a razão do desequilíbrio e da desordem do cosmos grego, já que a heroína consegue enganar todos os homens que lhe são de alguma forma adversos na tragédia e no mito dos *Argonautas*:

primeiramente engana seu pai, ao qual rouba, e seu irmão, ao qual mata; depois atinge o rei de Iolco, Pélias, também através da morte e, logo mais, o rei de Corinto, Creonte, que morre no incêndio provocado pela feiticeira. Além disso, usa o rei de Atenas, Egeu, para atingir seus fins e, por fim, manipula, com suas palavras, a Jáson, fazendo-o de “tolo”, ao acreditar em sua bondade. Nesse sentido, Regina Zilberman enfatiza que é também trágico o fato de Medéia carregar consigo o destino de todas as personagens, inclusive o de Jáson, herói sem pátria, que fica abandonado e impossibilitado de recomeçar sua vida, característica essa – a da impossibilidade de um recomeço – marcante, segundo a teórica, nas obras de Eurípidés.

Segundo Lesky (1990), experimentaremos o trágico quando o que está sendo encenado ou lido interessar-nos ou comover-nos através dos sofrimentos das personagens: é justamente isso que ocorre em *Medéia*, pois o tema escolhido por Eurípidés é universal e causa comoção, dor, tristeza, provocando o terror e a piedade no espectador/leitor.

Outra afirmação de Lesky é a de que o sujeito da ação deve sofrer tudo conscientemente – assim estabelecendo-se o trágico – justamente o que acontece com o herói Jáson: sua vida muda completamente, desestrutura-se, terrifica-se, e ele está consciente dos fatos.

Kitto (1990) em seu estudo literário sobre a tragédia grega, diz que Medéia é trágica porque suas paixões são mais fortes do que sua razão, a partir de cujo contexto destina-se em ser um tormento para si própria e para os outros.

Portanto, o trágico em *Medéia* está diretamente ligado às

ações e reações das personagens, principiando pelo amor “desmedido” de Medéia, que, ao ser traída, transforma-se em ódio exacerbado. Medéia está ligada ao trágico, pois nos aproxima da realidade universal, configurando uma série de crimes passionais, movidos pelo ciúme e pela raiva, por meio dos quais destrói tudo e todos à sua volta. Jáson é trágico pelo final irremediável: está sozinho, perdido, sem pátria.

Considerações finais

Medéia é, sem dúvida, uma triste história trágica. Escrita no remoto século V a.C., ainda é retrato da realidade atual, pois o tema abordado pelo poeta grego gera, mesmo nos dias de hoje, crimes violentos.

A grande atmosfera de realidade em Eurípides está relacionada ao espaço da mulher e à luta pelos direitos femininos. O poeta inovou ao colocar como centro de seu drama o sofrimento de uma personagem feminina, e todo o seu conflito psicológico, enfocando-a desde o interior, sendo o desenrolar da tragédia centrado nessa única personagem, uma mulher “diabólica”, triste, traída e vingativa.

A heroína mítica está enredada em ações “erradas”: por amor e somente por isso, Medéia comete os mais incríveis atos de terror, sendo que cada desmedida resulta em uma peripécia e um reconhecimento – para ela, para Jáson e para a população.

O grande erro, com o qual a tragédia de Eurípides principia, é a desmedida do herói, que decide trocar Medéia pela princesa de Corinto, gerando a revolta e a fúria da feiticeira; devido a esse fato, há uma grande reviravolta nas vidas dos heróis, grandes

peripécias e reconhecimentos ocorrem, gerando para o espectador/leitor a catarse, pois com atitudes tão cruéis todos deviam purificar suas emoções e se suas intenções eram essas, deviam-se desfazer de tais pensamentos para que não sofressem assim como Jáson sofrera.

Jáson, por sua vez, é retratado por Eurípides como um homem interesseiro, egoísta e oportunista: é capaz de enganar os sentimentos das pessoas para assim conquistar seus objetivos. Nessa perspectiva, Eurípides não estaria desmitificando a figura do herói, já que esse deveria ser o exemplo para a população?

Certamente era essa a intenção do poeta grego, pois o herói do velocino de ouro não é, de modo algum, um modelo a ser seguido; contrário a isso, seu comportamento e suas ações “desqualificam-no” enquanto herói vencedor ao longo da narrativa.

Referências

ADRADOS, Francisco R. *Introdução à Medéia*. In: EURÍPIDES. *Tragédias: Medea, Hipólito*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1995.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 2002.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro grego: tragédia e comédia*. Petrópolis: Vozes, 1984.

EURÍPIDES. *Medéia; Hipólito; As troianas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

KITTO, H. D. F. *Tragédia grega: estudo literário*. Vol. II. Coimbra: Arménio Amado, 1990. Tradução: do inglês por Dr. José Manuel Coutinho de Castro.

KURY, Mário da Gama. *Introdução à Medéia*. In: EURÍPIDES. *Medéia; Hipólito; As troianas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

LESKY, Albin. *A tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

SEMINÁRIO TRAGÉDIA E SOCIEDADE, 1, Porto Alegre, 27 de outubro de 2003.

Artigo recebido em 15/01/2011 e aprovado em 15/02/2011.